



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BRUNNA EDUARDA ALVES DE ARAÚJO

**O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELAÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO ÀS CRIANÇAS**

RECIFE

2022

BRUNNA EDUARDA ALVES DE ARAÚJO

**O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELAÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO ÀS CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito para obtenção de título de licenciada em Pedagogia, orientada pela Prof.^a Dr.^a Michelle Beltrão Soares Sales

RECIFE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B897p Araújo, Brunna
O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES DA ESCOLA NO
PROCESSO DE ACOLHIMENTO ÀS CRIANÇAS / Brunna Araújo. - 2022.
55 f.

Orientador: Michelle Beltrao Soares Sales.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2023.

1. PROCESSO. 2. ADAPTAÇÃO ESCOLAR . 3. EDUCAÇÃO INFANTIL. I. Sales, Michelle Beltrao
Soares, orient. II. Título

CDD 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRUNNA EDUARDA ALVES DE ARAÚJO

**O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELAÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO ÀS CRIANÇAS**

Data da Defesa: 06/10/2022

Horário: 14 horas

Local: Universidade Federal Rural de Pernambuco

Banca Examinadora:

Prof./^a Dr/a. Michelle Beltrão Soares Sales - Orientador/a

**Prof./^a Dr/a. Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral -
Examinador/a Interno/a**

**Prof./^a Dr/a. Ywanoska Maria Santos da Gama - Examinador/a
Externo/a**

Resultado: () Aprovado/a

() Reprovado/a

Dedico este trabalho a todos aqueles que são apaixonados pelo campo da educação, mais precisamente, da Educação Infantil. A todas as crianças. Aos meus queridos e amados avós: José Waldeci e Maria do Socorro.

AGRADECIMENTOS

Falar em agradecer é falar de um momento muito importante e especial. Relembrar toda a trajetória percorrida até a conclusão deste trabalho é também relembrar com o sentimento de carinho e gratidão quem esteve conosco durante todo o processo.

Começo agradecendo ao meu querido e amado Deus. Pai amado, te agradeço por toda proteção, cuidado e amparo durante esse período de graduação. Por todas as bênçãos alcançadas, aquelas que enxerguei e as que não enxerguei. Sou pequena demais e tu fizeste e faz sempre muito mais do que eu mereço. Muito obrigada.

Agradeço a minha querida e tão amada avó, que me refiro desde sempre como minha “mainha”, Maria do Socorro, que me tem como filha desde o momento em que nasci. Mainha, obrigada por cuidar tão bem de mim, por todo amparo e amor voltado a mim desde que soube da minha existência. Obrigada pela oportunidade de ter um lar digno, cheio de respeito e amor, pelo alimento que nunca me deixou faltar e por toda sua linda preocupação com a minha educação, mesmo sendo uma pessoa que nunca teve acesso a mesma. Te amo demais.

Agradeço a minha tão amada irmã, minha “bê”, Beatriz. Bê, você tornou todo esse processo mais leve. Nossa relação é muito importante e especial. Te agradeço por todas as palavras ditas, pelo companheirismo e cuidado disponibilizado. Os seus “você consegue!”, “tá quase acabando!”, me deram muito mais motivação para concluir esse processo. Muito obrigada.

Agradeço a minha querida tia Renata, por todo apoio, cuidado e amor. Tia, obrigada por sempre me instigar a ir além, a ser alguém melhor. Seu “copinho de leite” será sempre grato por tudo.

Agradeço a Omacio, meu tio, por todo apoio e cuidado. Por tornar tudo mais leve através das risadas que tira não só de mim, mas de toda nossa família.

Agradeço ao meu querido primo Guilherme, meu Gui. A primeira criança que ajudei nas tarefas escolares antes mesmo de entrar na Pedagogia. Você é muito especial, Gui.

Agradeço aos meus pais, Claudijane e Ricardo, que me deram o direito à vida. Obrigada por todo amor, carinho e cuidado.

Agradeço ao meu avô, José Waldeci, muito querido e amado, lembrado por mim e pela nossa família com um imenso carinho. Obrigada por tudo, vô. Por cuidar

de mim até os dias atuais, mesmo não estando mais entre nós. Você continua vivo nas minhas lembranças e no meu coração.

Agradeço as minhas RURALINDAS: Milena, Ariany, Jéssica, Cilene, Aniely e Clara. Sem dúvidas, vocês tornaram meus dias na universidade muito mais leves. Obrigada por toda a parceria desses anos. Tenho certeza que vocês chegaram para ficar. Estaremos sempre juntas.

Agradeço a minha querida orientadora Michelle. Com seu jeito leve de ser, tornou a escrita dessa pesquisa mais tranquila. Obrigada por todo aprendizado compartilhado, pela parceria nesse processo.

Agradeço aos professores do curso de Pedagogia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, por todo incentivo e por todo conhecimento compartilhado.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que compartilhei experiências voltadas para a área da Educação Infantil, inclusive, as crianças que passaram por mim até então. Tenham certeza que carrego um pouquinho de cada um de vocês dentro de mim.

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Rubem Alves

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender como se dá o processo de adaptação escolar na Educação Infantil para crianças que estão ingressando na primeira etapa da Educação Básica. Para realizar a coleta de dados foi utilizada como instrumento, em primeira instância, a observação e em seguida, entrevistas parcialmente estruturadas. Visando realizar a análise dos dados obtidos, utilizamos como referência a análise de conteúdo, baseada nos estudos de Minayo (2007). Tal análise foi construída e interpretada à luz de alguns autores que embasam a fundamentação teórica da pesquisa, como Balaban (1988) e Davini (1999). Através dos resultados obtidos na análise, foi possível perceber a importância da participação ativa e acolhedora da instituição de ensino no processo de adaptação das crianças, bem como, a importância da participação efetiva da família das mesmas. Tal participação está presente nas estratégias utilizadas pela instituição para esse momento da vida escolar da criança, bem como, nas orientações disponibilizadas às famílias para que as mesmas possam participar de maneira mais ativa e qualitativa.

Palavras-Chaves: Processo, adaptação escolar, Educação Infantil.

RESUMEN

La presente investigación, titulada: El proceso de adaptación escolar en Educación Infantil: las relaciones escolares en la acogida de los niños, tuvo como objetivo general comprender cómo se da el proceso de adaptación escolar en Educación Infantil para los niños que ingresan al primer ciclo de Básica. Educación. . Para llevar a cabo la recolección de datos se utilizó como instrumento la observación, en primera instancia, seguida de entrevistas parcialmente estructuradas. Para el análisis de los datos obtenidos se tomó como referencia el análisis de contenido, basado en los estudios de Minayo (2007). Dicho análisis fue construido e interpretado a la luz de algunos autores que sustentan el nexo teórico de la investigación, como Balaban (1988) y Davini (1999). A través de los resultados obtenidos en el análisis, fue posible percibir la importancia de la participación activa y acogedora de la institución educativa en el proceso de adaptación de los niños, así como la importancia de la participación efectiva de sus familias. Dicha participación está presente en las estrategias que utiliza la institución para este momento de la vida escolar del niño, así como en las orientaciones puestas a disposición de las familias para que participen de forma más activa y cualitativa.

PALABRAS-CLAVES: Proceso, adaptación escolar, Educación Infantil.

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Base

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
1.1 ESTADO DA ARTE: ESTUDOS SOBRE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL: PRIMEIRA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA	20
1.3 O QUE É ADAPTAÇÃO ESCOLAR? QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO QUE PODEM SER ADOTADAS PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO?	22
1.4 A ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB O OLHAR DAS CRIANÇAS E DAS FAMÍLIAS	27
CAPÍTULO 2: TRILHA METODOLÓGICA DA PESQUISA	30
2.1 NATUREZA DA PESQUISA	30
2.2 UNIVERSO PESQUISADO	30
2.3 SUJEITOS PESQUISADOS	31
2.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	31
2.5 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS	32
CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS	34
3.1 ACOLHIMENTO ÀS FAMÍLIAS E AS CRIANÇAS NO PROCESSO ADAPTATIVO	34
3.2 ESTRATÉGIAS PRESENTES NO PROCESSO ADAPTATIVO	37
3.3 MAIORES DIFICULDADES ENFRENTADAS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
APÊNDICES	53
APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA COM A PROFESSORA E A COORDENADORA	53
ANEXOS	54
ANEXO 1- REGISTRO DE OBSERVAÇÕES ENTREGUE ÀS FAMÍLIAS DURANTE AS PRIMEIRAS SEMANAS DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA	54
ANEXO 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	55

INTRODUÇÃO

A inserção da criança na Educação Infantil vem acompanhada de grandes descobertas, novas experiências e vivências as quais a mesma não está habituada a ter contato no seu cotidiano, que comumente, até então, está resumido à convivência com seus membros familiares.

Ao iniciar a vida escolar, a criança e a família deparam-se com um momento delicado: a adaptação diante do novo contexto em que estão sendo inseridas. Nesse momento, onde a criança adapta-se à nova rotina cheia de novidades e que terá como consequência a ausência de seus familiares, grandes desafios aparecem.

Durante muito tempo, ao falar em educação da criança, falava-se de um âmbito cuja responsabilidade era inteiramente das famílias, não existindo qualquer estabelecimento responsável por dividir essa tarefa tão importante, o que reflete um fator de grande importância: a visão que se tinha sobre a criança. As crianças eram tidas como tábulas rasas, que necessitavam adquirir conhecimento e informações que as tornassem seres “prontos”, necessitavam apenas de cuidados assistencialistas.

Como afirmam Paschoal e Machado (2009, p.82), as tentativas iniciais de organização de creches eram reflexo de uma visão assistencialista. Essas instituições visavam auxiliar mulheres que trabalhavam fora de casa e não tinham com quem deixar suas crianças.

No Brasil, as preocupações e interesses voltados para a área da Educação Infantil surgem, aproximadamente, a partir da década de 80, sendo reconhecido efetivamente como direito pela Constituição Federal de 1988. Vale salientar que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, estabelece que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, cujo objetivo é desenvolver integralmente a criança até os seis anos de idade.

Falando especificamente sobre pesquisas relacionadas à adaptação escolar, cuja temática é abordada na presente pesquisa, percebe-se uma iniciação a abordagem da temática no início dos anos 90, como o trabalho de Juliana Davini e Madalena Freire (1999), intitulado “ADAPTAÇÃO - pais, educadores e crianças enfrentando mudanças”, que fala sobre o assunto por meio de um viés que busca explicar sobre o que é e como ocorre o processo, bem como, busca também dialogar sobre o foco na criança, nas famílias e nos educadores dentro do processo adaptativo.

Ao falar em adaptação, Davini (1999), define que “adaptar-se é deixar-se modificar pelo outro, pelo ambiente, pelo objeto do conhecimento, é deixar o novo entrar e desarrumar o que estava seguro.”, ou seja, tal reflexão nos traz a ideia de que a adaptação traz consigo a fuga da zona de conforto, visto que, leva-nos a desconstruir costumes internos já preexistentes.

Relacionando a adaptação na Educação Infantil, Vasconcellos (1999, p.07), nos traz uma ideia de adaptação sob uma visão onde o novo acontece, carregado de medo, inseguranças, onde estarão presentes “caras novas”, jeitos novos, espaço novo, etc. Trata-se de um momento delicado, onde grandes desafios aparecem não só para as crianças, mas também para as famílias e comunidade escolar.

A separação afeta as crianças. Afeta os pais. Faz brotar sentimentos nos professores. O início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião desagradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem frequentemente outras crianças chorando ou pais tensos e nervosos. Os professores com frequência se sentem pressionados pelas necessidades contraditórias das crianças, pelas exigências dos pais e por suas inclinações pessoais. (BALABAN, 1988, p.24)

Seguindo a linha de pensamento, BALABAN (1988), fala sobre a importância de enxergar a adaptação como um “processo” que está diretamente ligado às relações que as crianças irão estabelecer com o “novo”. Ao encarar a adaptação como “processo” que depende de relações, entende-se que o foco nas práticas presentes para que essas relações sejam estabelecidas é essencial.

Alinhado às discussões apresentadas a experiências vividas em um estágio de caráter não obrigatório em uma escola da rede particular da cidade do Recife, o interesse por este tema surgiu quando ao longo da vivência como estagiária em uma turma de crianças de 2 anos, pude observar o quanto esse processo pode ser delicado e difícil para todos os agentes que estão ali presentes, principalmente para a criança e a família.

Vale salientar que se trata de um tema de grande relevância para o âmbito acadêmico, mais especificamente, para a Pedagogia, pois está relacionado a um contexto em que a mesma possui papel indispensável. Por meio desse campo de estudo, profissionais são preparados de maneira crítica para lidar com esse momento, tendo boas bases teóricas que quando aliadas às práticas, podem fazer com que esse

processo assegure o bem estar de todos os indivíduos envolvidos, tendo todas as suas particularidades respeitadas.

Ademais, possui fundamental importância também para a sociedade, uma vez que, trata-se de um tema que comumente as famílias passam em algum momento de sua história.

Desta forma, surgiu o problema desta pesquisa, que é como se dá o processo de adaptação escolar na Educação Infantil para crianças que estão ingressando na primeira etapa da Educação Básica? Este problema deu origem aos seguintes objetivos:

- Objetivo geral: Compreender como ocorre o processo de adaptação na Educação Infantil de crianças que estão ingressando na primeira etapa da Educação Básica em uma escola da rede privada da cidade do Recife.

- Objetivos específicos:

- Observar as práticas cotidianas presentes no processo de adaptação e a resposta das crianças ao processo;

- Compreender o papel do professor e dos demais componentes da equipe escolar que participam do processo de adaptação das crianças;

- Analisar, sob a perspectiva da instituição escolar, a relação da família com a escola e sua importância diante desse cenário.

O primeiro capítulo do trabalho trata-se do campo teórico da pesquisa, dividido em quatro seções. A primeira seção refere-se ao estado da arte da pesquisa, ou seja, aos estudos acerca da adaptação escolar na Educação Infantil. Para tal, foram feitos levantamentos de trabalhos voltados para a temática em três diferentes portais de banco de dados e pesquisas científicas: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior), Google Acadêmico e Scielo.

A segunda seção, por sua vez, busca discorrer sobre as políticas educacionais voltadas para a área da educação, inclusive, da Educação Infantil, reconhecendo-a como primeira etapa da Educação Básica.

A terceira seção traz uma discussão acerca das reflexões acerca das definições de adaptação, bem como, das táticas e estratégias que as instituições podem utilizar nesse processo.

Por fim, a quarta e última seção aborda sobre o olhar e as possíveis reações das crianças e das famílias frente ao processo adaptativo.

CAPÍTULO 1: ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 ESTADO DA ARTE: ESTUDOS SOBRE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao falar em adaptação escolar, pode-se afirmar que estamos falando de um contexto no qual exige de todos os envolvidos, famílias, alunos e comunidade escolar, uma grande atenção e dedicação frente a esse processo tão importante na vida de qualquer criança que está ingressando na primeira etapa da Educação Básica. Com um olhar mais crítico voltado para esse processo, o mesmo pode tornar-se mais prazeroso e tranquilo para todos aqueles que perpassam por esse âmbito.

Visando levantar reflexões para a presente pesquisa, foi realizada uma busca em três diferentes portais de banco de dados e pesquisas científicas, sendo eles: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Google Acadêmico e Scielo. Todas as buscas foram voltadas para trabalhos publicados mais recentemente, entre os anos de 2015 a 2022, e resultaram em diferentes estudos sobre adaptação escolar.

Ao realizar uma pesquisa no portal de periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em busca das publicações, foram inseridos, os indexadores: adaptação escolar/Educação Infantil, resultando o total de 1.572 trabalhos encontrados.

Ao analisar os trabalhos encontrados no referido banco de dados, em linhas gerais, foi notória uma baixa quantidade de pesquisas que têm relação direta com a temática aqui discutida. Apenas quatro trabalhos destacaram-se por terem discussões que estão ligadas à proposta de estudo presente nesta pesquisa.

O primeiro deles, intitulado “*Processo de adaptação de crianças na Escola Infantil do CENSA*”, de Silva et al. (2015), traz uma discussão acerca do olhar das famílias das crianças para o processo, identificando os desafios presentes no mesmo. No trabalho, percebe-se, por um lado, o reconhecimento positivo das famílias relacionado à importância da inserção da criança na primeira etapa da Educação Básica, pois, segundo as mesmas, é nesse momento que as crianças podem não só ampliar a capacidade de socializar-se, mas também desenvolver as diferentes linguagens e desenvolver sua autonomia. Por outro lado, as famílias também explicam que se trata de um período de grandes expectativas e inseguranças,

enfatizando a importância da necessidade de uma formação específica para os profissionais que perpassam esse processo.

Seguindo a mesma linha de pensamento, o artigo “*Relações entre famílias e instituições de Educação Infantil: o compartilhamento do cuidado e educação das crianças*”, de Silva e Luz (2019), traz uma reflexão relevante sobre a importância do compartilhamento de cuidados presente na relação entre as famílias e a escola, relacionado ao fato de que, é diante dessa perspectiva que se pode constituir a confiança, a segurança e o bem-estar não só das crianças, mas também dos adultos.

Discutindo acerca dos desafios, enfrentamentos e aspectos facilitadores do processo de adaptação, foi encontrado o trabalho “*Adaptação de bebês à creche: aspectos que facilitam ou não esse processo*”, de Bossi, Brites e Piccinini (2017). Nele, os autores analisam, sob a visão das mães, pontos que facilitam e pontos que não facilitam o andamento do processo de adaptação. Relacionado a aspectos facilitadores, as mães trazem como exemplo a tranquilidade materna, a qualificação dos profissionais educadores e as especificidades individuais de cada criança. Por outro lado, como pontos dificultantes, citam a insegurança materna e o adoecimento da criança.

Por último, sob uma perspectiva do olhar docente da Educação Infantil, foi encontrado o artigo “*Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um centro de Educação Infantil e o uso de objetos transicionais*”, de Vercelli e Negrão (2019). Na pesquisa, as autoras preocupam-se em analisar a perspectiva dos docentes frente a presença dos denominados objetos transicionais, que são objetos escolhidos pelas crianças por proporcionarem uma maior segurança em momentos de estranheza, em uma sala de aula cuja adaptação ocorre. O artigo mostra que, as crianças que recorreram a um objeto de apego, adaptaram-se mais rapidamente não só ao espaço, mas também, à rotina.

Ao realizar a busca no Google Acadêmico, inserindo os mesmos marcadores utilizados na pesquisa do banco de dados anterior: adaptação escolar/Educação Infantil, foram encontrados 15.500 resultados. Embora o número seja bastante significativo, muitos dos trabalhos encontrados distanciam-se da temática abordada na presente pesquisa.

Dentre os trabalhos, foram encontrados dois que embasam o enlace teórico desta pesquisa. O primeiro deles trata-se de um artigo intitulado " *O processo de adaptação na educação Infantil*", de Verçosa (2016). No artigo, importantes discussões relacionadas ao tema são propostas, englobando o que se entende sobre adaptação escolar, qual o papel do professor e da família nesse processo, assim como também, como é a criança diante da adaptação escolar, entre outros pontos.

Pode-se afirmar que esse trabalho trouxe uma perspectiva de grande importância e necessidade: compreender o processo de adaptação escolar como algo integral, onde vários indivíduos estão envolvidos e cada qual possui sua importância e devem ser respeitados dentro de seus contextos. É necessária a compreensão em relação à criança que está sendo inserida em um mundo de novidades, assim como também, é de grande importância que as famílias se dediquem e possam estar imersas nesse momento de grande importância e claro, é necessário que não só o professor, mas todo o contexto escolar esteja preparado para receber as crianças e as famílias que estão vivenciando uma nova experiência.

O segundo trabalho a ser destacado é o artigo "*Adaptação na Educação Infantil: reações das crianças durante o processo de adaptação escolar na Educação Infantil*", de Dias et. al. (2018). Como percebe-se ao ler o título, o trabalho traz uma perspectiva voltada para a criança e suas possíveis reações dentro desse novo contexto que lhe é apresentado. Os autores trazem uma reflexão acerca do quanto esse processo pode ser doloroso para a criança, sendo assim, fica nítido que a criação de uma relação baseada na afetividade entre os profissionais da escola e a criança é de grande importância para que a mesma se sinta cada vez mais segura dentro desse novo ambiente recheado de novidades. Vale salientar que é fundamental que existam práticas diretamente voltadas para esse processo, dessa forma, auxiliando no desenvolvimento desse âmbito da maneira mais leve possível.

No portal Scielo, utilizando também o período temporal e os indexadores das pesquisas nos portais anteriores, não foram encontrados trabalhos relacionados à temática aqui pesquisada. Sendo assim, sugere-se que no referido banco de dados científicos, houve silenciamento e escassez no que diz respeito à investigações sobre a adaptação escolar na Educação Infantil.

De maneira geral, ao analisar os trabalhos encontrados nos bancos de dados científicos citados anteriormente, percebe-se que existe uma preocupação consideravelmente positiva nas pesquisas voltadas para os pontos que estão entrelaçados com a adaptação escolar na Educação Infantil, tais como, práticas facilitadoras do processo, relação família-escola, olhar das famílias, olhar dos profissionais da escola, reações das crianças, entre outros.

1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL: PRIMEIRA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Por muito tempo, a criança foi coberta por uma visão voltada unicamente a necessidade de amparo relacionado a cuidados físicos: alimentação, higiene, entre outros pontos. O “educar”, nesse sentido, relacionado ao intelectual, emocional e social, não recebia um olhar crítico, que reconhecia sua necessidade. Ao analisar as duas perspectivas, percebe-se, portanto, que mesmo que essa dicotomia tenha perpassado anos da história e esteja presente, mesmo que pouco, até os dias de hoje, é necessário olhar para os conceitos de educar e cuidar como aspectos fundamentais para a educação de crianças, que devem andar conjuntamente.

Nunes et. al. (2011), afirmam que por um lado, ao cuidar, transmitimos valores, formas de relacionar-se e contribuimos diretamente para a formação da autoestima e da construção de um entendimento de si, do outro e do mundo. Por outro lado, ao educar, estamos praticando um ato de cuidado, uma vez que, estamos levando em consideração a criança de maneira integral, nos aspectos físicos, psicológicos, emocionais e intelectuais.

Mas, como já dito inicialmente, essa compreensão da Educação Infantil como uma etapa de ensino da Educação Básica, onde os conceitos do educar e do cuidar estão atrelados, é relativamente recente, pois, como analisa Cerisara (1999)

Durante as últimas décadas, foi possível constatar duas formas de caracterização dos diferentes tipos de trabalhos realizados em creches e em pré-escolas: por um lado, havia as instituições que realizavam um trabalho denominado "assistencialista" e, por outro, as que realizavam um trabalho denominado "educativo".

De modo a compreender a concepção de Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, é necessário analisar o que dizem alguns documentos que contribuíram diretamente para o fim da visão da criança como um ser que precisa apenas de assistência relacionada ao cuidado físico. Uma variedade de leis,

documentos, entre outros marcos legais, fazem parte da construção da história de um ideal de Educação Infantil, mas, esse capítulo atenta-se a refletir sobre as contribuições da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Distanciando-se e desconstruindo a visão resumida ao amparo e cuidado, a Constituição de 1988 traz o ponta pé inicial, um marco fundamental para a história da Educação Infantil no Brasil quando enfatiza como direito da criança pequena o acesso à educação em creches e pré-escolas, as mesmas, por sua vez, passam a ocupar lugar na educação, validando a ideia de que o cuidado necessário voltado para as crianças pequenas se trata de uma atividade educativa. O Estado, nesse sentido, passa a ter o dever de garantir às crianças Educação Infantil até os 5 anos de idade, nas instituições de creches e pré-escolas.

Esse direito põe na pauta das políticas educacionais o reconhecimento da criança como ser de direitos, que tem vez e voz na sociedade e que devem ter seus direitos garantidos com absoluta prioridade pela família, pela sociedade e pelo Estado.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) trata-se de um documento que traz normas jurídicas que visam a proteção integral da criança e do adolescente. Tal documento também traz consigo o reforço da ideia da criança como cidadã de direitos, que está em processo de pleno desenvolvimento. Para este documento, Nunes et. al. (2011) afirmam que três itens merecem destaque

a) a descentralização político-administrativa da atenção aos direitos da criança – à União cabe formular a política nacional e as diretrizes gerais; aos municípios, bem como ao Distrito Federal, o atendimento, contando, para isso, com a cooperação técnica e financeira da União e do estado; b) a participação da sociedade, por meio de suas organizações representativas, na formulação das políticas, no planejamento das ações e no controle da ação do Estado, em todos os níveis; c) a criação do Sistema de Garantia de Direitos da criança e do adolescente, que começa a contribuir para que as crianças tenham acesso à creche e à pré-escola e nela recebam educação integral de qualidade. O Conselho Tutelar, os Conselhos Nacional, Estaduais e Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente, o Ministério Público e outras organizações da sociedade são chamados a zelar por que os direitos da criança sejam atendidos, entre eles, o direito à educação a partir do nascimento.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, por sua vez, estabelece que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, atribuindo a mesma o objetivo e a finalidade de desenvolver integralmente (aspectos físicos, psicológicos, sociais e intelectuais) a criança até os 6 anos de idade, tendo como complemento a

colaboração da família e da sociedade, bem como, a profissionalização na Educação Infantil, que diz respeito a formação necessária para atuar nesta etapa de ensino, sendo necessários formação em nível médio, no magistério e/ou curso de licenciatura em nível superior.

Diante do exposto, percebe-se que os documentos citados nesta seção do presente trabalho trouxeram grandes contribuições no que se refere ao âmbito da Educação Infantil. Na próxima seção, a discussão será voltada para a definição de adaptação, bem como, as práticas e estratégias que podem ser utilizadas durante o processo visando uma maior tranquilidade.

1.3 O QUE É ADAPTAÇÃO ESCOLAR? QUAIS AS ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO QUE PODEM SER ADOTADAS PELAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO?

Trazendo à tona a temática “adaptação escolar”, algo muito enraizado historicamente é imposto como ideia principal: trata-se de uma fase que tem como característica forte o choro das crianças que estão sendo inseridas em um novo contexto: a escola. Ligado a isso, pode-se afirmar que é um momento delicado também para as famílias, uma vez que, passam por todo esse processo juntamente com essas crianças.

Vercelli e Negrão (1999) definem adaptação como o período em que a criança leva para acostumar-se com a sua nova realidade, para adaptar-se à rotina do local.

Por mais que a questão do choro e do sofrimento das crianças seja forte ao abordar a definição dessa temática, é de fundamental importância compreender que esse processo não se resume apenas a cessar essas questões físicas e psicológicas, como o choro e a insegurança de ambos os envolvidos.

Nesse sentido, Balaban (1988), apresenta uma discussão de grande relevância ao dizer que a adaptação deve ser vista e compreendida como um processo, esse que, por sua vez está inteiramente ligado a relações que serão estabelecidas entre as crianças que passam por tal e tudo e todos que compõem o ambiente escolar (indivíduos, práticas cotidianas, rotina, etc).

Vale salientar que, esse processo, também deve ser considerado em sua total complexidade. Ou seja, existe uma perspectiva de olhar voltada para a criança, para a família e também para o professor e parte da equipe escolar que faz parte do mesmo e todos esses âmbitos devem ser vistos de maneira criteriosa.

A separação afeta as crianças. Afeta os pais. Faz brotar sentimentos nos professores. O início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião desagradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem frequentemente outras crianças chorando ou pais tensos e nervosos. Os professores com frequência se sentem pressionados pelas necessidades contraditórias das crianças, pelas exigências dos pais e por suas inclinações pessoais. (BALABAN, 1988, p.24)

Sendo assim, pode-se afirmar que é de grande importância que os professores e os demais componentes da equipe escolar que fazem parte desse processo, busquem aproximar-se das famílias com o intuito de compreender a realidade de cada criança, quais as práticas comuns presentes na realidade da mesma, quais as preferências, divergências, visando assim, proporcionar um ambiente mais prazeroso, tranquilo para todos ali presentes, evitando possíveis adversidades.

Antes de inserir, de fato, uma criança em uma determinada instituição escolar, comumente as famílias pesquisam, informam-se, para então adequar-se a uma que está, de certa forma, atendendo a padrões considerados fundamentais para tal. Sendo assim, é possível afirmar que esse processo tem como uma questão importante a segurança das famílias em relação ao ambiente em que estará sendo parte da rotina da sua criança.

É necessário compreender que no contexto da sala de aula da educação infantil no processo de adaptação, estarão presentes crianças que são de diferentes contextos sociais, habituadas a diferentes modos de vida, todas essas, por sua vez, estão sendo inseridas em um ambiente repleto de novidades, rotinas e práticas diversificadas que podem fugir das práticas presentes em seu cotidiano, o que pode levá-las a ter diferentes reações: chorar (ou não), sentir-se inseguro (ou não), entre outras. É necessário um olhar atento para essas eventualidades, de modo a atendê-las sempre que necessário, pois, segundo Balaban (1988, p.33) “as crianças nos dizem, por meio do seu comportamento, que elas precisam da nossa ajuda”.

Percebe-se, dessa forma, que a adaptação escolar na sala de aula da Educação Infantil trata-se de um processo que ocorre de forma gradativa, que depende de fatores internos e externos e da ação criteriosa de todos aqueles que fazem parte do mesmo. É de considerável importância considerar toda a complexidade que engloba essa fase.

A instituição escolar, por sua vez, coloca-se à frente de um grande desafio: criar caminhos para que essa fase melhore o mais rápido possível. Nesse sentido,

pode-se levantar uma outra discussão voltada para a temática do processo de adaptação, relacionada a possíveis táticas e estratégias que as instituições de ensino podem utilizar para acolher as crianças e as famílias que estão chegando. Serão discutidas abaixo algumas estratégias dentro da enorme gama de possibilidades.

Abordando essa questão, pode-se citar como primeiro exemplo, o acolhimento realizado pela instituição quando as famílias decidem matricular as crianças. Como citado por Vercelli e Negrão (1999) existem dois grandes momentos do período adaptativo: o momento em que os pais escolhem, visitam, conhecem a proposta da instituição em que pretendem matricular os filhos para iniciar a vida escolar e o momento em que a criança finalmente adentra ao espaço.

Atentando-se para o primeiro momento, Abumanssur (1999, p. 15), aborda que através da mãe, do pai ou responsável pela criança, pode-se ter acesso a informações ricas sobre a mesma, uma vez que, os mesmos tem a função de porta-voz delas, pois, comumente sua fala está em fase de construção ao adentrar na escola. Para colher tais informações, pode ser realizada uma entrevista pela instituição, buscando saber de forma mais detalhada sobre os hábitos e características da criança.

Vale salientar que é importante que tal entrevista seja compartilhada com a professora, visto que, será a responsável pela criança e estará a frente do processo adaptativo, podendo utilizar as informações contidas nas entrevistas para elaborar estratégias de atividades e momentos que estejam dentro do campo de interesse da criança.

Passado o momento do primeiro contato das famílias com a instituição, um outro ponto que pode ser utilizado como estratégia é a permissão da instituição e da professora em relação à presença das famílias nos primeiros dias do processo adaptativo.

Sabe-se que tanto a criança quanto as famílias, comumente chegam ao espaço escolar um pouco inseguros e ansiosos. Nesse sentido, é válido para ambos e também para a instituição escolar, mais precisamente para a professora, que essa chegada e permanência nos primeiros dias sejam feitas de forma acompanhada (criança e família), pois, como afirma Abumanssur (1999, p. 16) “através da presença planejada da mãe nos primeiros dias do bebê na creche podemos minimizar essa ansiedade e facilitar sua adaptação”.

Essa presença servirá não apenas para evitar o sentimento de ansiedade e insegurança das famílias e das crianças, mas também, para auxiliar a professora

responsável pelo grupo a conhecer melhor a criança que está chegando e que ficará sob sua responsabilidade e auxiliar também as famílias a conhecerem melhor o ambiente que seu filho ficará e também as pessoas que estarão cuidando dele.

Ademais, vale salientar que tal permanência deve ser guiada pelos profissionais da instituição. A abordagem de Davini (1999, p. 48) fala sobre a importância de guiar bem os pais nesse processo

Os pais precisam ser preparados para os primeiros dias, ser acompanhados no tempo em que estiverem dentro da escola, precisam receber dicas de como agir ou o que falar ou como se despedir de seus filhos. Alguns precisam ser ajudados a ir saindo da escola, outros precisam ser ajudados a ficar mais um pouco. Devemos estar com eles na hora “h” do corte, dando apoio com notícias a distância, o que de certo será um consolo ou conforto para todos os casos.

Também é importante que os pais, com o passar dos dias, possam ir desvinculando-se dos filhos, deixando-os circular nos espaços da instituição de maneira independente, mas, nesse sentido, Ostetto (2002, p. 34) diz que é importante “fixar o ponto onde os pais novos se localizam para que as crianças em adaptação, quando necessário, possam encontrá-los com facilidade”.

Vale salientar que é necessário deixar claro para as crianças e famílias que a sala é um ambiente do professor e das crianças, nesse sentido, Davini (1999, p.54), afirma que

A sala é o grande chamariz e seus objetos funcionam como intermediários na construção do vínculo com a professora, por isto devemos orientar aos pais para não irem pegando coisas da sala, mas orientar seu filho a solicitá-los à sua professora, que tornar-se-á “especial” por possuir objetos tão interessantes.

Sendo assim, percebe-se que o ato de entrar na sala é uma estratégia de adaptação que a professora espera que a criança possa atingir quando conseguir, de forma leve e espontânea.

Também para os primeiros dias da adaptação, Abumanssur (1999, p.16) propõe que “se aumente gradualmente o número de horas que a criança fica na creche a cada dia”. Ou seja, é reduzir, inicialmente, o horário de permanência das crianças na instituição, pois, chegar e de primeira permanecer o horário completo pode causar uma série de desconfortos na criança, uma vez que, estará sendo bombardeada com tantas novidades dentro de uma rotina a qual não estão acostumadas.

A professora responsável pela turma e os outros profissionais envolvidos no processo adaptativo podem ter o papel de ir percebendo os sinais que a criança

transparece quando já consegue dar conta de estender um pouco mais o horário, sendo assim, aumentando gradativamente o tempo de permanência da criança na instituição até chegar no horário completo.

Uma outra possibilidade é o uso de objetos transicionais no período adaptativo, que, segundo Vercelli e Negrão (1999), são objetos que podem ser escolhidos pelas crianças (chupetas, naninhas, ursinhos, entre outros) com ou sem mediação das famílias, cujo objetivo comumente está voltado a ideia de ser um objeto de apego, que a criança irá buscá-lo para encontrar conforto, segurança, bem estar, uma vez que, é um objeto trazido de sua realidade em casa.

O uso desses objetos pode ser considerado de suma importância, uma vez que, na sensação de ausência dos familiares, a criança poderá recorrer a tal objeto como forma de consolo, de adquirir segurança, diminuindo o sentimento de ansiedade e de perda tão presente nesse processo.

Vale salientar que é importante que tal relação da criança com o objeto transicional seja mediada pela instituição, ou seja, reconhecer a importância do uso e da presença desse objeto é fundamental, mas, é necessário, com o passar dos dias adaptativos, mostrar e combinar, de forma leve e espontânea, com as crianças e as famílias, quais serão os momentos em que tal objeto poderá estar presente e poderá ser utilizado.

Segundo Vercelli e Negrão (1999), é esperado que, ao decorrer do tempo, a criança adquira uma maior maturidade quanto ao que sente, conseguindo administrar melhor seus desejos e vontades, o que a levará a buscar o objeto com menos frequência, até chegar o momento que naturalmente, deixa de solicitá-lo e utilizá-lo.

Um outro exemplo está voltado à estruturação de um planejamento ou uma rotina específica para o processo adaptativo, que não tenha a necessidade de ser seguido à risca, mas, sim, a possibilidade de flexibilizar quando necessário. Nesse sentido, percebe-se que falar em rotina específica para o processo adaptativo implica falar de uma rotina mais leve e flexível, que tenha táticas intencionais para a adaptação das crianças, podendo adaptá-las de acordo com a necessidade da turma.

A rotina na Educação Infantil é de grande importância, pois, ao estabelecer e estruturar junto com as crianças o que será feito no dia, desde o início até o final, passa uma maior segurança, ainda mais no processo de adaptação em turmas de ingresso na Educação Infantil.

Dentre os momentos que podem estar dentro dessa rotina adaptativa, Davini (1999, p.53) traz a recepção das crianças e das famílias no portão, de forma acolhedora e convidativa, levando-os para conhecer os espaços da instituição, a diversidade de atividades, essas que, por sua vez, devem ser de fácil organização para facilitar o processo, deixar os pais participarem dos momentos de troca e alimentação, aproveitando do momento para que possa ocorrer uma troca entre a equipe da instituição, a família e a criança, entre outras alternativas.

Também se encaixa nesse momento de rotina a presença de atividades e momentos que tornem o ambiente escolar mais prazeroso e chamativo para essas crianças que estão chegando pela primeira vez, como afirma Dias et. al. (2018)

O professor deve exercer o papel de um facilitador e auxiliar esse aluno que ingressa a escola pela primeira vez, ou está mudando de série, da forma mais aprazível possível com jogos, brincadeiras e atividades lúdicas, tornando a situação e o espaço o mais acolhedor possível para a criança.

Apresentamos, neste capítulo, definições acerca da adaptação, bem como, algumas táticas e estratégias que podem ser utilizadas pelas instituições de ensino para tornar o processo adaptativo das crianças ingressantes na Educação Infantil menos sofrido e doloroso.

O próximo capítulo, por sua vez, irá se atentar a discutir, à luz da visão de alguns autores, sob a perspectiva das crianças e das famílias frente a esse processo tão importante.

1.4 A ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB O OLHAR DAS CRIANÇAS E DAS FAMÍLIAS

Ao falar sob a perspectiva das crianças frente ao processo de adaptação, é necessário levar em consideração que no contexto de uma sala de aula que perpassa um processo de adaptação escolar, mais especificamente na Educação Infantil, teremos presentes crianças que são repletas de especificidades, necessidades, esses que, por sua vez, irão influenciar o decorrer da fase adaptativa.

Ao serem inseridas nesse novo contexto, os primeiros dias para algumas crianças podem ser desafiadores: repletos de choros, de inseguranças, de uma vontade incontrolável de voltar para casa e ser acolhido por seus familiares. Em contrapartida, para outras crianças pode ser um momento leve e tranquilo, dando a entender que já estariam habituadas com esse tipo de ambiente e rotina.

Como já discutido anteriormente, é necessário levar em consideração que nesse processo, estaremos tratando de crianças com diferentes especificidades. Isso pode trazer uma pré afirmação relacionada ao fato de que, aquelas crianças que sentem mais dificuldades ao decorrer dessa fase, possivelmente estão menos habituadas a estabelecer contato com pessoas diferentes, desconhecidas. Comumente, o cotidiano da mesma resume-se às mesmas pessoas o tempo todo, sendo assim, o estranhamento frente a tantas novidades e novas pessoas, ocorre.

Por outro lado, ao olhar para aquelas crianças que encaram o processo de adaptação com mais facilidade, pode-se afirmar que, para ter essa reação, a mesma pode ter presente em seu dia a dia a prática de ficar na presença, ou aos cuidados de terceiros (babás, avós, tios, etc). Como bem afirma Davini (apud DIAS, 2018, p. 03) “a intensidade com que cada um vai experimentar, ou a forma como vai atravessar esse período, vai depender dos aspectos particulares de cada personalidade participante do processo e, também, da dinâmica familiar”.

Segundo BALABAN (1988, p.31), a família tem o importante papel de mediar as experiências das crianças, explicando os acontecimentos e comportamentos decorrentes dos mesmos. Ou seja, pode-se afirmar que é importante que a família passe segurança para a criança em relação a nova fase que a mesma irá viver, explicando como será a rotina, como é o lugar, como e quem são as pessoas que estarão lá, etc. Dessa forma, preparando previamente as crianças, pode-se tornar o processo mais sereno.

Mas, para exercer esse papel de mediador no processo adaptativo da criança ao entrar nas escolas, o responsável (mãe, pai, avó, tios, etc) precisa sentir-se seguro para então poder passar segurança. Falar em adaptação, muitas vezes, implica resumir toda a situação na adaptação das crianças, deixando de lado o fato de que as famílias, muitas vezes, também passam por um processo de separação doloroso.

Embora, segundo Davini (1999) conflitos como a culpa, o medo, a frustração, a defesa e o ciúme apareçam, a relação simbiótica existente entre mãe e filho precisa ser ponderada para que a adaptação ocorra de maneira mais leve.

Nesse sentido, a instituição escolar entra com o importante papel de primeiro, adaptar as famílias, para que as mesmas estejam seguras do ambiente em que seus filhos passarão a frequentar. Pode-se dizer que a adaptação começa quando as famílias escolhem a instituição e conhecem-na. A forma como a instituição acolhe essas famílias trata-se do pontapé inicial e uma fase muito importante.

Ao iniciar o processo adaptativo na prática, ambas as partes (crianças, famílias e instituições) sofrem com as questões que surgem, como solução para esse sentido, Abumanssur (1999, p. 15) diz que a instituição

Deve reconhecer esse vínculo e ansiedade da mãe com a separação e procurar informação com a mesma sobre o jeito da criança, não se colocando como rival ou vítima dessa situação. Deve conversar com a mãe; procurar receber as queixas dos pais não como ataque ou desconfiança, mas como consequência de uma separação geradora de insegurança.

Vale ressaltar que é de fundamental importância que a escola reconheça também a necessidade de buscar dialogar com as famílias das crianças de modo a saber informações que podem ajudar diretamente nesse processo, tais como: se existe um brinquedo/brincadeira favorito ou alguma atividade na qual a criança sente-se alegre, visando conversar com a criança sobre assuntos de seu interesse, pode buscar saber também que lugares a criança costuma e gosta de frequentar. São possibilidades diversas que podem ser levadas em consideração nesse momento.

CAPÍTULO 2: TRILHA METODOLÓGICA DA PESQUISA

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

Segundo Laville e Dionne (1999), ao tratar-se de um caso, uma realidade, um grupo, estamos falando de características de um estudo de caso, sendo assim, a pesquisa aqui exposta trata-se de um estudo de caso, visto que, buscou compreender e analisar os dados coletados, aprofundando-se no contexto de adaptação em uma única instituição, uma única turma e seus sujeitos.

O estudo de caso como estratégia de investigação é abordado por vários autores, como Yin (2005) e Stake (1999), entre outros, para os quais, um caso pode ser algo bem definido ou concreto, como um indivíduo, um grupo ou uma organização, mas também pode ser algo menos definido ou definido num plano mais abstrato como, decisões, programas, processos de implementação ou mudanças organizacionais.

O estudo de caso é frequentemente referido como permitindo estudar o objeto (caso) no seu contexto real, utilizando múltiplas fontes de evidência (qualitativas e quantitativas) e enquadra-se numa lógica de construção de conhecimento, incorporando a subjetividade do investigador.

2.2 UNIVERSO PESQUISADO

O universo da presente pesquisa trata-se de uma turma de crianças de 2 anos de idade, em uma escola da rede particular. Fundada na década de 80 e localizada na Zona Norte do Recife, a referida instituição atende a um público da classe média alta, atualmente abrangendo desde os anos iniciais da Educação Infantil até o Ensino Fundamental II.

A estrutura física conta com três diferentes prédios, cada qual, apresenta em suas instalações áreas de recreação (parques, salas de movimento, galpões, quadras, etc). Especificamente falando, o prédio onde a turma pesquisada encontrava-se conta com 3 salas de aula, 2 banheiros infantis e 1 de adulto, 1 sala de descanso, 1 copa, 1 parque, 1 campo de areia, 1 sala de movimento e 1 ludoteca.

A sala onde a turma encontrava-se instalada contava com 1 armário disponível para brinquedos e organização de material pedagógico, uma estante com brinquedos diversos, uma mesa com 8 cadeiras, um local específico para pendurar as mochilas

das crianças e 2 lousas. Vale salientar aqui que a estante de brinquedos e o local onde as mochilas eram colocadas eram de fácil acesso para as crianças, pois, atendiam a estatura das mesmas.

2.3 SUJEITOS PESQUISADOS

A turma escolhida para a realização da presente pesquisa trata-se de uma turma de ingresso na vida escolar, na Educação Infantil, bem como, na instituição. A turma contava com 16 crianças ao todo, sendo 10 meninos e 6 meninas, que tinham em torno de 2 anos de idade.

A equipe da turma era composta por uma professora regente, uma auxiliar de orientação pedagógica (estagiária) e duas auxiliares de serviços gerais, que tinham como função ajudar nos serviços de cuidado com as crianças (trocas de fralda, banho, alimentação etc.). No período de adaptação, também estava presente a coordenadora pedagógica responsável pela turma.

Mesmo diante de toda a equipe citada, a realização da entrevista foi direcionada apenas para a professora e para a coordenadora da turma, visto que ambas possuem um maior embasamento pedagógico para discorrer sobre a temática com um respaldo profissional e formativo maior.

Para preservação de identidades, a professora entrevistada foi identificada como: Professora A e a coordenadora pedagógica como: Coordenadora B. Diante do exposto, em linhas gerais, temos os sujeitos pesquisados do presente trabalho.

2.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Segundo Laville e Dionne (1999, p.176), a observação nos proporciona um contato direto com o real e nos traz a possibilidade de compreender o contexto que será pesquisado estando inserido nele, sendo assim, para compreender como ocorre o processo de adaptação, em primeiro plano, a observação foi utilizada como técnica inicial.

Ao ter contato com o grupo escolhido para a pesquisa, buscou-se observar a postura do professor e dos demais sujeitos presentes em sala de aula e como os mesmos irão conduzir o processo de adaptação frente às crianças e as famílias, que, por sua vez, estão inserindo-se pela primeira vez no universo escolar. Também buscou-se observar as reações das crianças ao processo adaptativo.

A primeira etapa da pesquisa foi a observação e ocorreu durante um período de 2 meses, totalizando 8 observações, 4 em cada mês, no ano de 2021, ano em que se vivia fortemente o contexto da pandemia do coronavírus, bem como, o contexto da volta às aulas adaptadas a esse cenário mundial, inicialmente no horário das 7h40 da manhã (início) até por volta das 10h30 da manhã e posteriormente às 11h40 da manhã.

Segundo Laville e Dionne (1999, p.187), o pesquisador pode conseguir ganhos positivos para sua pesquisa utilizando a entrevista como técnica, seguindo essa linha de pensamento, buscou-se, nesta pesquisa, trabalhar com uma entrevista parcialmente estruturada, pois, a mesma traz a possibilidade de trabalhar com questões abertas que serão elaboradas de forma cuidadosa anteriormente, possibilitando também a liberdade de retirar ou acrescentar perguntas que sejam necessárias. Trabalhando dessa forma, acredito que, assim como Laville e Dionne (1999) discorrem, pude ter uma ideia do que realmente o entrevistado pensa em relação ao que está sendo proposto.

Desta forma, para compreender de forma ainda mais detalhada o andar do processo de adaptação, foram realizadas entrevistas parcialmente estruturadas com a professora da turma analisada e a coordenadora responsável pela mesma. As entrevistas ocorreram de forma presencial e foram registradas por meio de um gravador de voz.

2.5 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar os dados coletados nas observações e nas entrevistas parcialmente estruturadas com os sujeitos, relacionando-os com os pressupostos da presente pesquisa, foi utilizada a análise de conteúdo, definida por Bardin (1979, p.683) como:

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens”.

Ao abordar sobre a temática análise de conteúdo, Minayo (2007), cita a categorização de unidades temáticas presentes nos dados colhidos na realização da pesquisa como uma etapa importante dentro da análise. Sendo assim, visando debruçar-se sobre os dados, iniciou-se a análise com base na categorização das

seguintes unidades temáticas, que estão presentes no próximo capítulo da pesquisa: estratégias presentes no processo adaptativo, acolhimento às famílias e as crianças e maiores dificuldades enfrentadas no processo de adaptação.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

O presente capítulo dedica-se a analisar, discutir e interpretar os dados coletados, fazendo referência ao enlace teórico utilizado para a realização do trabalho. Para isto, será utilizado como referência a análise de conteúdo, discutida por Minayo (2007) e apresentada na metodologia de análise de dados deste trabalho. O capítulo está dividido em três seções, cada qual, por sua vez, buscou analisar uma unidade temática identificada a partir das observações e entrevistas realizadas, iniciando com o acolhimento às famílias e as crianças no processo adaptativo, seguindo para as estratégias presentes no processo adaptativo e finalizando com as maiores dificuldades enfrentadas no processo de adaptação.

Para essa sistematização das seções, foram retomados os objetivos específicos colocados nesta pesquisa, que são: observar as práticas cotidianas presentes no processo de adaptação e a resposta das crianças ao processo; compreender o papel do professor e dos demais componentes da equipe escolar que participam do processo de adaptação das crianças; e analisar, sob a perspectiva da instituição escolar, a relação da família com a escola e sua importância diante desse cenário.

3.1 ACOLHIMENTO ÀS FAMÍLIAS E AS CRIANÇAS NO PROCESSO ADAPTATIVO

Ao analisar o conteúdo presente nas observações e nas entrevistas analisadas, pode-se afirmar que a temática “Acolhimento às famílias e as crianças no processo adaptativo” se fez bastante presente. Discorrendo sobre o assunto, retomamos aqui o pensamento de Vercelli e Negrão (1999), que afirma existir dois grandes momentos referentes ao acolhimento das crianças e das famílias que estão chegando a instituição escolar pela primeira vez: o momento que a família escolhe a instituição que pretendem matricular seu filho e o momento em que a criança finalmente adentra ao espaço.

Relacionado ao primeiro momento citado, a coordenadora B, na entrevista realizada, entra em concordância com o pensamento ao falar de como é realizado o acolhimento na instituição. A mesma afirma que é necessário pensar em três processos, o primeiro deles é relacionado justamente à confiança adquirida pelas famílias quanto ao espaço escolar no qual a sua criança estará sendo inserida.

“Eu penso que a gente precisa ter três processos, o primeiro é o reconhecimento da escola. Esses pais, esses familiares, precisam vir aqui

para a escola para fazer o reconhecimento do espaço, o que é isso? É o momento onde eles entram na escola, eles observam os parques, a escola em movimento, que é o mais importante disso tudo, não adianta os pais chegarem em férias, sem ver a rotina da escola, porque pai precisa acreditar na escola, pai precisa aceitar a escola pra poder ter esse entendimento do que é mesmo, é... Esse espaço, o que é o espaço que ele tá, né, querendo ofertar para o filho dele, porque além de tudo, você tá pagando, mas o que é mais importante, que dentro disso seja uma escola que você acredita, nos valores, na missão, na visão, então, o primeiro passo que a gente entende que o processo de adaptação começa é quando os pais fazem essa visitação na escola..." (Coordenadora B)

O segundo processo citado pela coordenadora B diz respeito ao conhecimento da proposta pedagógica da instituição. Davini (1999, p.16) aborda que através da mãe, do pai ou responsável pela criança, pode-se ter acesso a informações ricas sobre a mesma, uma vez que, os mesmos, têm a função de porta-voz delas. Seguindo a linha de pensamento da autora, passando pelos dois primeiros processos citados pela Coordenadora B, é chegada a etapa final, citada pela mesma como "entrevista" que é realizada com os pais, visando conhecer mais a fundo essa criança que está para chegar à instituição.

"E aí a gente entra na última etapa que é uma etapa onde os pais vem pra eles nos falarem um pouco da criança. Eu sempre falo pra eles que apesar deles serem pequenininhos, eles tem uma história para me contar, né? Então, os pais vem para falar absolutamente tudo, desenvolvimento, nascimento, o que come, se tem alergia, se não tem... Essa é a história que eu vou entregar para as professoras para que elas também façam essa leitura prévia dos alunos que vão chegar na sala dela..." (Coordenadora B)

A Coordenadora B afirma que ao passar por esses três processos, as famílias ficam mais seguras quanto ao processo de adaptação, refletindo diretamente nas possíveis reações que as crianças possam vir a ter durante o decorrer do mesmo, evidenciando e reconhecendo, em sua fala, a importância desse acolhimento.

Nesse sentido, percebe-se que o acolhimento realizado pela referida instituição, direcionado às famílias e as crianças que estão ingressando na primeira etapa da Educação Básica, acontece antes mesmo do tão esperado "primeiro dia de aula". Percebe-se que a intenção da instituição com esse acolhimento prévio das famílias é tornar o processo adaptativo mais tranquilo, visto que, busca conhecer ricos detalhes sobre a criança e as famílias antes que as mesmas entrem no processo adaptativo propriamente dito.

Com essa posição tomada pela instituição, pode-se afirmar que uma série de desconfortos que podem ser causados durante o período no qual a criança está

acostumando-se na instituição, sejam evitados, tais como: a insegurança em relação ao espaço, uma vez que já o conheceram previamente nas entrevistas realizadas, a insegurança com a equipe, levando em consideração que já conheceram uma parte da mesma nas reuniões prévias realizadas, entre outros pontos.

Relacionado às práticas mais presentes no dia a dia onde a adaptação começa a ocorrer de fato, foi possível observar, no registro das observações, o acolhimento afetuoso realizado pela equipe escolar para com as famílias e crianças. Observou-se que existiu uma grande preocupação da equipe em acolher as famílias no portão, juntamente com as crianças, bem como, entregá-las no final do dia com um feedback de como foi o decorrer daquele dia para a criança, entre outros pontos.

Reflete-se, em tal momento da observação, o pensamento de Davini (1999, p.53) citado nos fundamentos teóricos da presente pesquisa, pois, a autora fala sobre a importância desse acolhimento, citando a recepção das crianças e famílias de forma acolhedora e convidativa como ponto essencial para o processo de adaptação.

Ao decorrer do processo adaptativo, observou-se que, de maneira geral, as crianças adaptaram-se relativamente rápido. Tiveram alguns episódios de resistência ao despedir-se de seus familiares nas primeiras semanas, o que já é esperado, mas, com o acolhimento realizado pela equipe da instituição em parceria com a participação dos pais, logo conseguiram permanecer no espaço.

Mas, como bem afirma Davini (apud Dias, 2018, p.03) “a intensidade com que cada um vai experimentar, ou a forma como vai atravessar esse período, vai depender dos aspectos particulares, de cada personalidade participante do processo e, também, da dinâmica familiar”. Nesse sentido, foi possível observar que uma criança em específico, ao contrário das outras, passou por esse processo com uma dificuldade a mais.

Essa criança, ao chegar ao espaço, geralmente acompanhada da sua mãe, começava a chorar, chegando a um nível de emoção e nervosismo que a fazia vomitar. A mãe, geralmente, mostrava-se muito nervosa diante da situação, recebendo o apoio e suporte no momento do ocorrido, da professora e da coordenadora. Ambas, embora mexidas em ver a criança daquela forma, uniram-se visando buscar estratégias que proporcionassem o bem estar da criança.

Percebe-se, portanto, que o processo adaptativo possui situações positivas e situações negativas, que, por sua vez, fazem brotar sentimentos diferentes em todos os que estão envolvidos nesse momento.

Visando amenizar e buscar estratégias que pudessem cessar o desconforto da criança, a mãe foi atendida pela psicóloga da instituição e após o atendimento, passou a despedir-se da criança com mais firmeza, usando, incansavelmente o diálogo “mamãe vai, mas mamãe volta”, todos os dias. A estagiária da turma, buscava sempre acompanhar a criança junto com a mãe até o portão de saída para que ela pudesse despedir-se.

Embora tenha chorado após a despedida, aos poucos, a criança foi aceitando e se acalmando, passando a lançar-se mais nas propostas da instituição. Percebe-se, nesse sentido, a importância relacionada ao fato da instituição buscar guiar as famílias em relação às atitudes que são necessárias para o processo adaptativo das crianças, segundo Davini (1999, p.48)

Os pais precisam ser preparados para os primeiros dias, ser acompanhados no tempo em que estiverem dentro da escola, precisam receber dicas de como agir ou o que falar ou como se despedir de seus filhos. Alguns precisam ser ajudados a ir saindo da escola, outros precisam ser ajudados a ficar mais um pouco. Devemos estar com eles na hora “h” do corte, dando apoio com notícias a distância, o que de certo será um consolo ou conforto para todos os casos.

Na presente seção, buscou-se analisar através das observações e das entrevistas realizadas, como se dá o acolhimento e a relação da família com a escola no processo de adaptação escolar na Educação Infantil.

3.2 ESTRATÉGIAS PRESENTES NO PROCESSO ADAPTATIVO

Passando a fase de acolhimento das crianças e das famílias, temos presente a temática voltada para as estratégias ou táticas que podem ser utilizadas durante o processo de adaptação das crianças. Analisando as observações, foi possível perceber que desde o primeiro dia, a instituição apresentou estratégias assertivas quanto a adaptação. Assim, a seguir abordamos a rotina observada no processo adaptativo das crianças.

No primeiro momento da observação realizada nos primeiros 4 dias do 1º mês, buscou-se, em primeiro plano, observar a chegada das famílias junto com as crianças, por volta das 7:40h da manhã.

A sala encontrava-se previamente organizada com cantos de atividades diversificadas: faz de conta de cozinha, pista com carros, bonecas, blocos de montar, entre outros, visando deixar o ambiente mais convidativo para a chegada das crianças. Na área externa, tinham cadeiras distribuídas em um determinado local, denominado como rampa, para as famílias se acomodarem.

No primeiro dia (da primeira semana), todas as famílias entraram com suas crianças. Em primeiro momento, ambas com um olhar curioso e deslumbrado, observando os espaços externos lado a lado. Vale salientar que as famílias ficaram livres para transitar nos ambientes externos com as crianças, mas, em relação à sala, somente as crianças (que se sentiam à vontade) entravam, bem como a equipe pedagógica da instituição.

O tempo todo a equipe estava em diálogo com as crianças e famílias, convidando-os a explorar os cantos de atividades no espaço interno, bem como, a guardarem suas mochilas e descalçar-se caso sentissem vontade. Percebe-se, nesse momento, a iniciação, mesmo que de forma muito leve, a estrutura de uma rotina presente na instituição: chegar, pendurar sua mochila no local adequado e descalçar-se. As famílias, de forma geral, mostraram-se muito tranquilas, instigando as crianças junto com a equipe.

Durante a exploração, a professora da sala colocou todos os copos e garrafas de água das crianças numa bandeja e ofereceu algumas vezes ao decorrer da manhã.

Passando o momento de exploração dos espaços, era chegada o horário do lanche, às 9h, previamente servido pelo colégio, algumas crianças já aceitaram lanchar dentro da sala, dispostos nas mesas, respeitando o distanciamento social necessário, outras, permaneceram fora da sala com suas famílias, nesse sentido, a equipe levou as opções do lanche até as crianças, utilizando um diálogo afetivo, ofereciam o alimento ao mesmo tempo em que interagem com as mesmas e as crianças alimentaram-se junto às suas famílias.

Após o lanche, a professora, junto com a equipe, buscou levar as crianças ao parque de areia, disponibilizando baldes, pás e anilinas. Sentadas no parque, a

equipe buscou convidar as crianças para fazer “bolos” de areia, algumas crianças aceitaram os convites, outras, continuaram explorando outros espaços, bem como, próximo às suas famílias. Esse momento durou em torno de 20 minutos.

Em seguida, a professora começou a convidar as crianças para levá-las para trocar as fraldas, calçar a sandália, pegar a mochila e ir para casa. Todas as crianças aceitaram tranquilamente passar por esse momento, mas, a grande maioria necessitou do acompanhamento da mãe até o banheiro, sendo assim, as mães permaneciam ao lado das crianças enquanto a auxiliar realizava a troca.

As crianças, junto com as famílias, foram liberadas por volta das 10:30h da manhã. Ficou claro que a rotina estava diretamente ligada ao processo adaptativo, focando no ato de conhecer as crianças e famílias, bem como, a estabelecer uma relação inicial com as mesmas. Por meio de uma conversa, a professora informou que pretendia seguir uma rotina parecida ao longo da semana.

Foi possível perceber a preocupação da professora em dar um retorno às famílias sobre como foi o dia da criança, se comeu, como se portou diante dos cenários, quais as possibilidades para um avanço na adaptação, entre outros pontos. Esse retorno era realizado através de um diálogo com as famílias, mas, também existia um documento chamado “registro de observações”, disponível em anexo, que era entregue às famílias ao final de cada semana de adaptação. No documento, pontos pertinentes estão presentes, como: chorou? não chorou? alimentou-se? participou das atividades? etc.

Nas demais visitas realizadas no primeiro mês, percebeu-se que algumas famílias foram liberadas e algumas crianças conseguiram estender um pouco mais o horário de estadia na instituição. Também foi notório que a rotina começou a tomar mais forma, mesmo com um foco maior no processo adaptativo: passaram a ter aulas de música, aulas de movimento, como também, a realizarem rodas para cantar, junto com a professora, a música do bom dia e a música da água.

As famílias das crianças que ainda necessitavam, passaram a não transitar mais pelos espaços, mas, sim, a ficarem todos sentados em um local específico, uma rampa presente na instituição, na visão das mesmas. Quando algum desconforto surgia, um membro da equipe levava a criança até o familiar para mostrar que o mesmo estava ali presente. Vale salientar que antes de chegar ao ponto de levar,

sempre buscou-se mudar o foco da criança, visando dar continuidade ao processo adaptativo.

No primeiro mês, algumas famílias sentiam uma grande dificuldade para se despedir das crianças, o que aumentava o grau de ansiedade das mesmas em relação a permanência na instituição, sem a presença de um familiar. Percebeu-se que as crianças cujo as famílias despediam-se mais facilmente, ficavam de forma mais tranquila no espaço.

Nas observações realizadas no segundo mês, foi possível perceber que as crianças que já se encontravam adaptadas, que correspondia a maioria da sala, permaneciam o horário completo na instituição, das 7h40min às 11h40min, participando de todas as atividades tranquilamente, inclusive, atividades mais específicas (aulas de música, de motricidade, entre outros), o que antes era o foco unicamente na adaptação.

Durante as observações, foi possível perceber que uma criança em específico sentiu mais dificuldade para permanecer na instituição. Essa criança, ao chegar à instituição, sempre chorava muito, se negando a entrar na sala e todos os dias, a emoção era tanta, que a criança acabava vomitando. A mãe sempre se mostrava extremamente preocupada e insegura com toda a situação que era recorrente. Nesse sentido, recebeu um atendimento da psicóloga da instituição, visando amenizar e tornar o processo mais tranquilo.

A solução encontrada para essa criança foi a mãe despedir-se com firmeza, dizendo que iria embora, mas que logo estaria de volta para buscá-la. Todos os dias a mãe utilizava o mesmo diálogo, insistentemente, “mamãe vai, mas mamãe volta para te buscar”, “brinque, se divirta, seja feliz, aproveite”. Esse diálogo ocorria sempre no portão, pois, percebeu-se que uma boa estratégia era a criança levar a mãe no portão, a mãe segurando em uma mão e a estagiária da sala segurando na outra mão.

Na última visita realizada, foi possível perceber essa mesma criança chegando, deixando a mãe no portão sozinha e despedindo-se tranquilamente, apenas perguntando para a mãe “você volta para buscar (nome da criança), né, mamãe?”, ao receber a afirmação da mãe, entrou na sala e seguiu a rotina do dia.

Em primeiro lugar, ao analisar as observações, percebeu-se que existia um planejamento diretamente focado para a fase adaptativa das crianças na instituição.

De acordo com Dias et. al. (2018, p.32)

O professor deve exercer o papel de um facilitador e auxiliar esse aluno que ingressa na escola pela primeira vez, ou está mudando de série, da forma mais aprazível possível com jogos, brincadeiras e atividades lúdicas, tornando a situação e o espaço o mais acolhedor possível para a criança.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as brincadeiras livres, a exploração do espaço, entre outras propostas, fez-se presente no planejamento do processo adaptativo da instituição, refletindo o reconhecimento de que tais práticas são importantes para esse momento, no sentido de que são esses momentos que irão deixar a criança mais à vontade nesse novo espaço: a escola. A Coordenadora B reflete, em sua fala, a concordância com o que foi observado, reconhecendo como elementos de fundamental importância, a diversidade de propostas, bem como, uma rotina estruturada pensando no processo adaptativo

“Inicialmente essa rotina é pensada e estruturada para o processo adaptativo, então são muito mais brincadeiras, mais atividades, né, ainda não se pensa no foco de interesse do grupo, o foco pedagógico, se pensa muito mais na adaptação e na consolidação dos vínculos entre os adultos de referência...” (Coordenadora B)

A Professora A, por sua vez, compartilha do mesmo pensamento, trazendo em sua fala outras propostas importantes para esse processo

“Tem aquelas atividades que normalmente são feitas que eles amam, são brincadeiras com água, brincadeiras com areia, bolas, bonecas, banho de bonecas, então assim... Lavar brinquedos, carros, são atividades muito comuns e de objetos que eles já tem em casa, então essas a gente já pode lançar mão, mesmo inicialmente, independente de conhecer o grupo ou não...” (Professora A)

No primeiro dia de observação, ainda que as famílias circulassem juntamente com as crianças pelo espaço de maneira livre, foi possível perceber uma limitação, pois as famílias não tinham permissão para entrar na sala de aula.

Através da fala da Coordenadora B e das observações realizadas, percebe-se que esse é um combinado pré estabelecido com as famílias na reunião de adaptação realizada na instituição: “A gente combina que os familiares não podem entrar dentro da sala de aula, porque a sala de aula é um espaço constituído da professora e dos alunos.” (Coordenadora B). Tal fala está ligada ao pensamento de Davini (1999, p.54)

A sala é o grande chamariz e seus objetos funcionam como intermediários na construção do vínculo com a professora, por isto devemos orientar aos pais para não irem pegando coisas da sala, mas orientar seu filho a solicitá-los à sua professora, que tornar-se-á “especial” por possuir objetos tão interessantes.

Percebe-se, diante disso, que a instituição encara o acesso à sala da turma como estratégia de adaptação, ou seja, a criança conseguir entrar na sala sem o acompanhamento da família já é um ganho positivo. Durante o processo de convencimento para que a criança entre na sala, um outro avanço é construído nos diálogos realizados pela equipe pedagógica, as crianças e as famílias: a construção do vínculo necessário para a realização do processo adaptativo.

Visando a entrada das crianças na sala, percebeu-se nas observações que a sala sempre estava previamente organizada com cantos de atividades diversificadas: faz de conta de cozinha, pista com carros, bonecas, etc. Esses cantos eram previamente preparados intencionalmente, visando deixar o ambiente mais convidativo para as crianças que estavam presentes.

Até aqui, analisando as observações, percebe-se que as famílias, em primeira instância, não foram retiradas do espaço, essas, por sua vez, exploraram os ambientes externos juntamente com as crianças. A Professora A justifica tal acontecimento em sua fala

“No dia a dia, a gente precisa primeiro, pensar no acolhimento, então... Imediatamente a gente não vai tirar as famílias do espaço, a gente vai acolher a família junto com as crianças, observar os centros de interesse dessas crianças e aí, conseqüentemente, a partir dessas observações e a medida que a gente for se aproximando-se dessas crianças, me refiro não só ao professor, mas aos adultos que estiverem presentes, a gente vai lançando estratégias e vai conquistando mesmo...” (Professora A)

Abumanssur (1999, p.16) afirma que “através da presença planejada da mãe nos primeiros dias do bebê na creche podemos minimizar essa ansiedade e facilitar sua adaptação”, sendo assim, percebe-se que através dessa presença, o processo adaptativo tornou-se menos doloroso para as crianças, pois, iniciaram o processo com a família perto, para a professora que, através da presença da família, conseguiu conhecer melhor as crianças e seus gostos e para as famílias, que ao ter contato direto com o chão e o dia a dia da instituição, tornaram-se mais seguras para deixarem as crianças posteriormente.

Vale salientar que com o passar dos dias, essa presença aconteceu de forma mais limitada. Como foi possível observar na etapa de observação, as famílias, com

o passar do tempo, passaram a ficar sentadas em um local específico, denominado como “rampa” pela instituição. Nesse sentido, quando surgia um possível desconforto da criança, um membro da equipe levava a criança até o local que o adulto estava para que ela pudesse vê-lo e ter o aconchego desejado.

Davini (1999) afirma ser importante fixar um ponto específico para que os pais fiquem, para que as crianças possam encontrá-los com facilidade durante o processo adaptativo. Nesse sentido, Professora A evidencia em sua fala, uma concordância com o pensamento da Coordenadora B citado anteriormente, utilizando como estratégia adaptativa, o fato dos pais “permanecerem no campo de visão, mas não entrar nesse espaço que é diretamente do professor e do aluno: a sala”.

Ademais, antes de levar a criança até o adulto, sempre buscou-se entreter a criança de outras formas, mostrando brinquedos, propostas de brincadeiras e atividades, falando com entusiasmo dos espaços da instituição, etc. A criança só era levada caso a equipe percebesse uma extrema necessidade e quando eram levadas até as famílias e tentavam chamar o responsável para explorar os espaços junto a elas, a pessoa da equipe que estava com a criança dialogava com a mesma dizendo que o lugar do familiar que estava participando do processo adaptativo era ali e que o restante dos espaços eram para que as crianças aproveitassem e explorassem junto com a professora e as demais pessoas da equipe. Esse diálogo era utilizado frequentemente, como uma forma de fazer a criança começar a compreender que precisará ficar sem a companhia da família naquele espaço.

Abumanssur (1999, p. 16) propõe uma outra estratégia adaptativa, essa, relacionada à quantidade de horas que a criança permanece na instituição durante os primeiros dias de adaptação. A autora propõe que se aumente gradativamente o número de horas de permanência da criança na instituição, visando uma adaptação mais tranquila.

Nesse sentido, ao analisar os primeiros dias da etapa de observação, foi possível perceber que as crianças não permaneciam o horário completo na instituição. Elas eram acolhidas, exploravam as propostas feitas pela equipe para o dia, lanchavam, após o lanche faziam as trocas de fraldas e roupa (quando necessário) e eram liberados para ir para casa. De acordo com a Professora A “a criança larga sempre mais cedo nos primeiros dias, normalmente ela fica meio horário, após o lanche, se organiza e vai embora”.

É perceptível que tal estratégia está diretamente ligada à preocupação de não bombardear a criança de informações logo nos primeiros dias. Existiu uma preocupação em relação a criança ir sentindo aos poucos a rotina da instituição a qual está conhecendo pela primeira vez.

Nas estratégias citadas no enlace teórico desta pesquisa, faz-se presente o uso de objetos transicionais. No entanto, não foi identificado o uso de tais objetos no dia a dia da adaptação dessas crianças, bem como, não foi citado como estratégia pelas entrevistadas.

Foi possível analisar, na presente seção, intituladas “estratégias presentes no processo adaptativo”, as táticas utilizadas pela instituição pesquisada para o processo de adaptação das crianças.

3.3 MAIORES DIFICULDADES ENFRENTADAS NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

Analisando o eixo temático sobre as maiores dificuldades enfrentadas no processo de adaptação, percebe-se, nas entrevistas realizadas com a Professora A e com a Coordenadora B, alguns apontamentos quanto a essas dificuldades.

Quando questionada sobre as dificuldades, a Professora A aborda como maiores dificuldades

“a quantidade de adultos, porque muitas vezes a gente necessita de mais braços do que a gente tem e algumas vezes as famílias, algumas famílias não permitem que a gente realmente se aproxime da criança, por insegurança e aí a gente precisa primeiro conquistar essa família, tranquilizá-los, mantê-los próximos para a partir a gente conseguir que vá se desvinculando”

Ao analisar a fala da Coordenadora B, percebe-se uma concordância com parte da fala da Professora A, pois a mesma aponta em sua resposta ao questionamento as mesmas dificuldades citadas anteriormente

“A maior dificuldade enfrentada hoje em dia que a gente entende é quando os pais não se sentem confortáveis de deixar seus filhos, porque como a gente sabe criança sente e entende nosso tônus muscular, entende nossa preocupação, criança escuta o que a gente fala, por mais que os pais digam que não entendem nada, a criança entende absolutamente tudo”

Nesse sentido, percebe-se uma relação com o pensamento de Balaban (1988), citado no corpo teórico desta pesquisa.

A separação afeta as crianças. Afeta os pais. Faz brotar sentimentos nos professores. O início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião desagradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem frequentemente

outras crianças chorando ou pais tensos e nervosos. Os professores com frequência se sentem pressionados pelas necessidades contraditórias das crianças, pelas exigências dos pais e por suas inclinações pessoais. (BALABAN, 1988, p.24)

Sendo assim, em primeiro plano, é importante reconhecer a necessidade voltada para o acolhimento realizado pela instituição para essas famílias. A partir desse acolhimento e dos guias que a família pode receber da equipe pedagógica da instituição, as famílias podem sentir-se mais seguras para apoiar seus filhos no processo de adaptação, cumprindo com seu papel que, segundo Balaban (1988, p.31) é o de mediar as experiências dos mesmos, passando segurança ao explicar, por exemplo, como será a rotina, como é o lugar, como e quem são as pessoas que estarão lá, etc.

Ademais, a dificuldade citada pela Professora A relacionada ao fato de às vezes não se ter todos os “braços” (colos) necessários para as crianças que choram no processo adaptativo, reflete a necessidade de se ter, no processo adaptativo das crianças que estão ingressando pela primeira vez no mundo escolar, a presença de uma quantidade boa de funcionários, visando dar conta das necessidades que surgirem.

Quanto a isso, é necessário pensar em algumas questões. Sabe-se que existem os adultos “fixos” da sala, que no caso da turma pesquisada são: a professora, a estagiária e duas auxiliares de serviços gerais. É possível que dependendo da demanda de choros e desconfortos, a equipe não consiga dar conta de sanar todas essas questões. Nesse sentido, cabe à instituição reconhecer a necessidade de preparar-se previamente para que se tenha disponível mais pessoas para entrar na equipe, mesmo que temporariamente, para sanar essa falta citada pela Professora A.

Vale salientar que é interessante que essas pessoas permaneçam durante todo o processo adaptativo, despedindo-se apenas ao final dele, não sendo pessoas que possivelmente possam não estar presentes diante de outras funções e demandas, pois, algumas crianças apegam-se a pessoas e as tornam referência no seu processo de adaptação e solicitam-na com frequência.

Nas observações, foi possível perceber também a reação insegura e repleta de medo de uma mãe frente ao desconforto da sua criança, citada na descrição das

observações da presente pesquisa. Nesse sentido, percebe-se que as orientações disponibilizadas pela equipe pedagógica da instituição foram fundamentais para que a mãe passasse a cumprir seu papel, conforme citado por Balaban (1988, p.31) anteriormente, com êxito.

Segundo Abumanssur (1988, p. 15) a mãe deve ser informada que diante da situação de separação pode ocorrer episódios de desconforto, sintomas como o choro, comumente aparecem, mas todas essas questões são sanadas quando passar a existir um vínculo de confiança entre todas as partes envolvidas no processo adaptativo.

Por fim, a última seção dedicou-se a analisar e discutir quais são as maiores dificuldades enfrentadas no processo de adaptação das crianças que estão ingressando na primeira etapa da Educação Básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões voltadas para o âmbito do processo de adaptação escolar na Educação Infantil para as crianças que estão ingressando na primeira etapa da Educação Básica não devem estar resumidas a uma linha de pensamento superficial, relacionada ao fato de ser uma fase cuja necessidade é voltada única e exclusivamente a fazer a criança parar de chorar e acostumar-se com o novo que chega: a vida escolar.

É necessário enxergar essa fase como algo complexo, que necessita de um olhar mais crítico e reflexivo voltado para si, ou seja, faz-se necessário compreender a necessidade de levar em consideração todos aqueles que passam por tal: famílias, crianças e instituições escolares. Em razão disso, a presente pesquisa teve como objetivo geral compreender como ocorre o processo de adaptação na Educação Infantil de crianças que estão ingressando na primeira etapa da Educação Básica. Constata-se que tal objetivo foi atingido, levando em consideração que, efetivamente, o trabalho conseguiu demonstrar, através das observações, entrevistas e análise realizadas, quais práticas se fazem presentes no dia a dia onde a adaptação ocorre.

Levando em consideração o primeiro objetivo específico da presente pesquisa: -Observar as práticas cotidianas presentes no processo de adaptação e a resposta das crianças ao processo, pode-se afirmar que o mesmo foi atendido, uma vez que, em primeiro plano, através das observações realizadas em campo, foi possível perceber que existiu uma diversidade de práticas voltadas para o processo adaptativo das crianças da turma pesquisada.

Dentre tais práticas estão: um planejamento focado no processo de adaptação, os chamativos cantos de atividades diversificados, com focos de interesse comuns da idade: faz de conta de bonecas, pista com carrinhos, blocos de montar etc., o acolhimento afetuoso da equipe pedagógica em relação às crianças e famílias, a redução de horas de permanência da criança e a presença das famílias na instituição nos primeiros dias, entre outros pontos.

Tais práticas foram de fundamental importância para que as crianças pudessem encarar esse momento com mais leveza e serenidade. Foi possível

perceber que diante da presença das estratégias citadas, a maioria das crianças responderam com mais segurança ao processo adaptativo, pois, tudo ocorreu aos poucos: a adaptação à rotina da instituição, a criação dos vínculos necessários para a permanência do horário completo, a adaptação à ausência dos familiares, etc.

Ademais, as entrevistas realizadas com a Professora A e a Coordenadora B também refletiram o reconhecimento da importância da presença de estratégias específicas para esse processo. Nas falas, evidenciou-se como tática o acolhimento prévio às famílias que chegam às instituições visando matricular seus filhos. Tal acolhimento está diretamente voltado às famílias conhecerem o espaço e a equipe, para que desta forma, sintam-se mais seguras e tornem o processo de adaptação mais sereno.

Pode-se afirmar que o segundo objetivo específico da pesquisa também foi contemplado com êxito: -Compreender o papel do professor e dos demais componentes da equipe escolar que participam do processo de adaptação das crianças. Com a presente pesquisa, foi possível perceber que, em primeira instância, o professor tem um papel de fundamental importância no que se refere a adaptação das crianças, pois, é ele quem será o principal responsável pela mesma e estará a frente de todos os momentos desse processo, criando atividades e construindo um vínculo não apenas com as crianças, mas também com as famílias, visando passar por essa fase da forma mais leve possível.

Diante desse cenário, levanta-se uma problemática que não foi citada ao longo deste trabalho: a formação do professor voltada para a temática de adaptação escolar. Para este momento delicado e que exige um olhar inteiramente crítico e reflexivo, é necessário que o professor não só coloque em prática aquilo que ache necessário para o momento, mas, também se configura como importante uma formação continuada visando o enriquecer os conhecimentos voltados para esse âmbito.

Através da pesquisa, também foi possível compreender a importância dos demais cargos da equipe pedagógica (coordenadora, psicóloga etc.). Os mesmos influem diretamente no processo de adaptação das crianças, pois, comumente, têm como papel principal, apresentar a instituição às famílias, acolhendo-as com receptividade e carinho, deixando-as seguras não só no primeiro momento, mas

sempre que surgirem necessidade.

O terceiro e último objetivo específico: -Analisar sob a perspectiva da instituição escolar, a relação da família com a escola e sua importância diante desse cenário, foi atendido e reconheceu que a relação família-escola possui grande influência no decorrer do processo adaptativo das crianças que estão ingressando pela primeira vez na vida escolar. Nas entrevistas realizadas, uma problemática levantada pela Professora A e a Coordenadora B é a segurança por parte das famílias, nesse sentido, percebe-se que a relação família-escola possui fundamental importância.

Através dessa relação, o processo de adaptação pode ocorrer de forma mais leve ou não, nesse sentido, é necessário que a construção desse vínculo seja bem trabalhada. A instituição escolar deve ter o foco voltado para o fundamental papel de apresentar para as famílias, ainda mais aquelas famílias que estão passando por esse momento pela primeira vez, os guias necessários para o processo de adaptação. É a instituição que deve estabelecer os combinados que são essenciais para essa fase.

As famílias, nesse sentido, têm a responsabilidade de apresentar essas crianças para a equipe, são as mesmas que irão contar a história da criança e isso irá refletir diretamente nas práticas que serão tomadas posteriormente. Diante da boa relação construída entre a família e a escola, pode-se constatar que ambos se sentem mais seguros para passar por esse processo, conseqüentemente, passando segurança para as crianças.

Diante do exposto, percebe-se que o problema de pesquisa colocado no início deste trabalho foi respondido, pois, foi possível compreender como ocorre o processo de adaptação escolar na Educação Infantil da referida instituição pesquisada, através da análise das práticas presentes, da relação existente entre a família e a escola, entre outros pontos.

Diante dos resultados aqui apresentados, é importante considerar que a presente pesquisa retrata um estudo sobre a adaptação escolar através de um recorte da rede privada de ensino. Nesse sentido, tal estudo amplia os horizontes para novas pesquisas relacionadas ao âmbito do processo adaptativo de crianças na Educação Infantil, como por exemplo, analisar como ocorre o processo em outras instituições da

rede privada ou na rede pública de ensino.

Também se apresenta como possibilidade de ampliação da pesquisa, a questão da formação dos professores relacionada à temática aqui apresentada, pois, tal questão configura-se como elemento de grande relevância, uma vez que, é necessário que exista, cada dia mais, um olhar ainda mais criterioso e aprofundado para o processo de adaptação das crianças.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSUR, H. O. (1999). A adaptação da criança pequena na creche. IN: DAVINI J. & FREIRE M. (org.). Adaptação: pais, educadores e crianças enfrentando mudanças. **Série Cadernos de Reflexão**. São Paulo. Espaço Pedagógico.
- BALABAN, Nanci. **O início da vida escolar**, trad. Yeda Luci Sehm Berlin – Porto Alegre: Artes médicas, 1988
- BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999
- BARDIN, L. (1979). **Análise de conteúdo** Lisboa: Edições 70
- BATISTA, R; **A rotina no dia a dia da creche: entre o proposto e o vivido**. Florianópolis, 1998. 183 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- BOSSI, T. J., BRITES, S. A. N. D., & Piccinini, C. A. (2017). **Adjustment of babies to daycare: Aspects that facilitate adjustment or not**. *Paidéia*, 27(Suppl. 1), 448-456. doi:10.1590/1982-432727s1201710
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, SEB, 2017.
- CERIZARA, Ana Beatriz. **Educar e cuidar: por onde anda a Educação Infantil?**. Perspectiva 17. Especial 1 (1999)
- DAVINI, Juliana; FREIRE, Madalena (Org). **Adaptação: pais, educadores e crianças enfrentando mudanças**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999. (Série Cadernos de Reflexão).
- DIAS R. S, OLIVEIRA G. F.,SIRINO M. F E FERRAZ É. C. S. **Adaptação na Educação Infantil: reações das crianças durante o processo de adaptação escolar na Educação Infantil**, UESB, 2018.
- LAVILLE C., DIONNE J. **A construção do saber**. Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F . **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p

NUNES, M. et. al **Educação Infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. Brasília, 2011

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. **A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 78–95, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i33.8639555. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>.

Acesso em: 19 ago. 2022.

SILVA, E., FERREIRA, B., DIAS, D., GOMES, D., & WAGNER, L. (2015). **Processo de adaptação das crianças na escola infantil do CENSA**. *Humanas Sociais e Aplicadas*, 5(14). <https://doi.org/10.25242/88765142015862>

SILVA, I. O.; LUZ, I. R. **Relações entre famílias e instituições de educação infantil: o compartilhamento do cuidado e educação das crianças**. *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, n. 50, e 14110, jul./set.2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/EccoS.n50.14110>

STAKE, R. E. (1999). **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata.

VERÇOSA, R. M. A. **Processo de adaptação na Educação Infantil**, UFRN, 2016.

VERCELLI, L. C. A.; NEGRÃO, T. P. A. **Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um centro de educação infantil e o uso de objetos transicionais**. *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, n.50, e 13320, jul./set.2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/EccoS.n50.13320>

YIN, R. (2005). **Estudo de Caso. Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA COM A PROFESSORA E A COORDENADORA

- 1) Qual seu nome? Qual sua idade?
- 2) Poderia falar um pouco sobre sua formação acadêmica?
- 3) Há quanto tempo trabalha com Educação Infantil?
- 4) Quais práticas você considera importante no processo de adaptação das crianças? Você adota essas práticas?
- 5) Qual a maior dificuldade enfrentada no processo de adaptação?
- 6) Como você media a participação dos familiares nesse processo?
- 7) Você considera esse processo importante? Por quê? Em que sentido?

ANEXOS

ANEXO 1- REGISTRO DE OBSERVAÇÕES ENTREGUE ÀS FAMÍLIAS DURANTE AS PRIMEIRAS SEMANAS DE ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA

REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES DURANTE A PRIMEIRA SEMANA DE AULA

ASPECTOS OBSERVADOS:

01. () Não chorou, mostrando-se satisfeito (a) e tranquilo (a) no ambiente escolar.
02. () Só chorou ao se separar dos familiares, ficando, em seguida, bem no ambiente escolar.
03. () Chorou pouco e começou a se integrar na rotina da classe.
04. () Chorou muito e precisou ser atendido (a) pelos familiares, aproveitando pouco das vivências escolares.
05. () Demonstrou facilidade para realizar as atividades de Vida Prática (segurar copo, ajudar na troca da roupa, sentar para o lanche junto ao grupo...).
06. () Participou das atividades de grupo de forma independente.
07. () Participou das atividades de grupo com apoio de um adulto de referência.
08. () Mostrou-se indiferente aos estímulos apresentados pelas professoras.
09. () Conseguiu estabelecer vínculos com algum adulto de referência.
10. () Demonstrou dificuldade em estabelecer vínculos com as pessoas que o(a) orientam/atendem.
11. () Só quis ficar no colo dos adultos de referência.
12. () Aceitou bem todos os lanches servidos.
13. () Rejeitou apenas alguns lanches, os quais foram substituídos.
14. () Demonstrou dificuldade para aceitar os lanches oferecidos.

ANEXO 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr.^a ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada *O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO ÀS CRIANÇAS* integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia**, do Departamento de Educação, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal *compreender como ocorre o processo de adaptação na Educação Infantil de crianças que estão ingressando na primeira etapa da Educação Básica* e será realizada por Brunna Eduarda Alves de Araújo, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, com utilização de recurso de gravação de voz, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/a